

CAIPIRAS & SERTANEJOS

Paulo de Araújo 27.10.97



...E O SERTÃO VIROU GRIFE

Paulo Pestana
Da equipe do **Correio**

Muito antes do sertão virar esse mar de cantores de calças apertadas, fivelas grandes, chapéus de grife e voz aguda, havia o mundo do Jeca Tatu, personagem criado por Monteiro Lobato. A história da transformação da música caipira em sertaneja está sendo contada em parte pela série *Raízes Sertanejas*, com 30 CDs que acabam de chegar às lojas. Os discos foram moldados a partir do repertório da Copacabana, gravadora que apostou no sertão.

Raízes Sertanejas centra fogo nas décadas de 70 e 80, quando os caipiras preferiram enfrentar os artistas urbanos usando as mesmas armas. Na série, quem representa melhor essa transição são Chitãozinho e Xororó na fase pré-estrelato, quando mesclavam canções tipicamente caipiras com sambas urbanos (*Matriz ou Filial*) e já flertavam com o brega explícito (*Fio de Cabelo*).

Eram seguidos de perto por João Mineiro e Marciano, criadores de *Nas Curvas do seu Corpo Capotei meu Coração*, mas que também mantinham um pé no interior, e pelo Trio Parada Dura, que lançou *Bo-beou... A Gente Pimba*.

Chitãozinho e Xororó foram imitados por Irdio e Irineu, embora estes fossem mais ligados às raízes interioranas, por Alan e Aladim, autores de *Dói Cotovelo*, mas que também registraram *Castigo*, de Dolores Duran, e por Gilberto e Gilmar, que regravam um ícone da transformação dos sertanejos: *Fusão Preto*.

Quatro dos discos da série registram canções e artistas mais antigos: Alvarenga e Ranchinho (incluindo a impagável *Romance de Uma Caveira*), Tonico e Tinoco (embora em gravações dos anos 80), os sanfoneiros Mário Zan e Zé Bettio e a cantora Inezita Barroso, que começou gravando dois sambas de Billy Blanco, mas se firmou com o sertanejo.

A maior parte da série é de duplas mais recentes, que furaram o bloco urbano a partir da aglutinação de elementos estranhos ao universo sertanejo. Algumas mostram bem como se deu a mudança nos anos 70, como os veteranos Pedro Bento e Zé da Estrada, com sua guarânia paraguaia, e Mensageiro e Mexicano, que explicitam a influência dos metais *mariachis*, do México.

Mas a adaptação da música caipira ao universo urbano vem desde os primeiros discos fabricados no Brasil. Em 1929, Cornélio Pires prensou,

por conta própria, discos com canções e piadas do interior. Vendeu 25 mil cópias de suas piadas e de duplas como Mariano e Caçula.

Nos anos 30, Raul Torres introduziu outros gêneros à música caipira — guarânia paraguaia, bolero, música mexicana e até americana (esta mais tarde, e limitada a Bob Nelson). Mas a música caipira de raiz fazia muito sucesso, principalmente com Alvarenga e Ranchinho e suas sátiras sociais e políticas.

A música sertaneja surgiu do cruzamento dos sons indígenas com as frases semi-cantadas da Igreja Católica, ganhando mais tarde a melancolia dos portugueses saudosos da terrinha e da música árabe trazida pelos espanhóis no século XVII. No início do século já havia o cururu, a primeira forma catalogada de música do interior, e que sobrevive até hoje. As demais são descendentes dela: moda de viola, cateretê, cana-verde, moda campeira, arrasta-pé e rasqueado. Nos anos 60 os subgêneros aumentaram: corridos, canções rancheiras, valseado, recortados, toadas ligeiras, toadas campeiras, balanços e pagodes.

E foi assim que a música caipira/sertaneja chegou aos dias de hoje. Dividida entre a raiz e a grife.

BRASÍLIA, CAPITAL DA ROÇA

Irlam Rocha Lima
Da equipe do **Correio**

Rick e Renner, uma das duplas sertanejas de maior sucesso no Brasil, surgiu em Brasília. Assim como os prestigiadíssimos Zé Mulato e Cassiano, ganhadores do Prêmio Sharp deste ano na categoria regional, pelo CD *Meu Céu*.

Enquanto Rick e Renner jogam no time de Zezé Di Camargo e Luciano, que ocupam espaço generoso na mídia e vendem milhares de discos, Zé Mulato e Cassiano integram a turma de Pena Branco e Xavanti, defensores da autêntica música caipira e que se negam a fazer concessões ao comercialismo.

Rick e Renner se conheceram cantando em casas noturnas de Taguatinga. Gravaram um disco independente em 1991, e no ano seguinte conheceram Zezé Di Camargo e Luciano, que os estimularam a se mudar para São Paulo.

O primeiro CD saiu em 1993. Depois, mais três álbuns, mantendo a média de vendagem de 60 mil cópias. O sucesso e a fama chegaram este ano, com *Mil Vezes Cantarei*, o quinto CD, que vendeu 200 mil cópias, graças ao hit *Ela é Demais* e à participação em programas de TV.

Fazendo uma média de 15 shows por mês, Rick e Renner ainda não se apresentaram em Brasília depois da fama. “Queremos fazer um grande show, uma coisa que é cobrada pelos fãs-clubes”, comenta Rick.

Duplas de sucesso como Rick e Renner ocupam tempo generoso na *Atividade FM*, emissora que toca música sertaneja 24 horas por dia. “Tocamos mais quem está em evidência, mas há espaço para artistas locais que ainda são pouco conhecidos”, observa Toninho Pop, diretor da rádio, citando como exemplo as duplas Fábio e Fernando, Ricardo e Eduardo e o cantor Amaury Jr., do Gama, que já vendeu 5 mil cópias de um disco independente.

Outra aposta da rádio foi o jovem cantor Rony Motta. Apadrinhado por Zezé Di Camargo e Luciano, gravou um disco pela Sony (com a participação da dupla na faixa *Já Sou Quase um Homem*). Com 16 anos, morando em São Paulo, o garoto lançou este ano um novo CD, no qual se destaca a faixa *Queira-me*.

Quem também se radicou em São Paulo foi Gleno Rossi, intérprete do gênero *country* que iniciou trajetória artística cantando num karaôkê no Lago Sul. No seu quarto CD, a música de trabalho é *Se Você Ainda Pensa*

em *Mim*, que gostaria muito de estar ouvindo nas rádios da cidade. “Infelizmente, artistas da cidade não tem muita vez por aqui”, reclama.

Motivo para reclamar das rádios brasileiras teria, também, a dupla Zé Mulato e Cassiano. Seu elogiado e premiado CD *Meu Céu*, ganhador do Prêmio Sharp, é pouco tocado nas emissoras de Brasília. Mineiramente, Zé Mulato, brasiliense desde o final da década de 60, prefere *ficar na muda*. Crítica, ele faz mesmo é à gravadora, a Velas. “Vendemos 30 mil cópias do disco, mas poderíamos ter chegado ao dobro, se houvesse melhor distribuição.”

Se tem uma rádio na cidade que sempre toca as músicas de Zé Mulato e Cassiano é a Cultura FM — principalmente no *Viola e Violeiros*, que vai ao de segunda a sexta-feira, de 6h às 6h55, e veicula somente música sertaneja autêntica.

Mas porque a ex-capital do rock revela e exporta caipiras e sertanejos? Um dos melhores violeiros do país, com trabalho reconhecido nacional e internacionalmente, Roberto Corrêa arrisca: “Pode parecer estranho, mas o fato de morar na capital me faz ainda mais interiorano”.

■ Leia mais na página 3